

Adeuses, amigo Flávio

Goodby my friend Flávio

Jorge Claudio Ribeiro

Ao escrever estas linhas, busco inspiração assistindo à terceira parte da entrevista que Flávio Pierucci concedeu em 2010 para o programa *Teodiversidade* e que há poucos dias foi postado no Youtube (*search*). Bizarrices do espaço/tempo virtual...

Emocionado, revejo-o discorrendo sobre Max Weber com aquela competência acadêmica admirada por todos, com uma voz repleta de modulações e acompanhada de um gestual vivaz. Impossível não observar sua careca brilhante envolvendo uma mente luminosa que, no entanto, não ofuscava uns olhos verdes, imensos de doçura e sensíveis a todo o humano. Pode-se ver no vídeo sua simplicidade de espírito presente num estilo de vestir capaz de brincar casaco, gravata e camisa para fora do jeans caipira (cuja barra desfeita ele ajambrou com um clipe...).

No trato habitual, nada do encastelamento de professor titular, nada de impositação. Flávio costumava discorrer com enorme encanto e clareza lógica tanto sobre temas de sua especialidade, amadurecida durante décadas de estudos e viagens de pesquisa, quanto sobre assuntos cotidianos, como o preparo de suas comidas prediletas.

Embora eu soubesse de sua existência, a partir de 2004 nos aproximamos em várias ocasiões. Desde então, aprendi a admirar em Flávio o harmonioso e raro amálgama de intelectual com ser humano. Com generosidade, sua marca, ele prestigiou meus convites para palestras, e suspeito que tenha dado pareceres favoráveis a vários de meus projetos... Mais do que participar da banca em meu concurso de livre-docência, seu envolvimento abrilhantou um momento significativo para o candidato, sua família e seu departamento na PUC-SP.

Mas nem tudo era afeto, nem tudo era charme nesse ex-seminarista que estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Já adulto, sempre foi um intelectual combativo, capaz de apontar, em escritos repletos de verve, as mazelas de várias vertentes do cristianismo. Participativo, ele integrou os quadros do Cebrap, a diretoria de sociedades como a Anpocs e a SBPC e, nos últimos anos, chefiou o Departamento de Sociologia da FFLCH da USP.

Recentemente, Pierucci abriu as portas de sua unidade ao sociólogo das religiões José Casanova, em visita ao Brasil, e já articulava seu retorno para um minicurso em maio de 2013. Ele compareceu a almoço em minha casa que reuniu

colegas e amigos em homenagem ao visitante. Contou sobre as visitas frequentes que fazia aos domingos, com colaboradores, a templos neopentecostais e sobre a impressão que lhe causava o senso da suprema soberania divina que emanava dos cultos.

Também relatou saboroso episódio, que foi mais ou menos assim. Certa vez, em visita a um terreiro de candomblé, o pai-de-santo jogou os búzios para ele. Impressionado, o sacerdote repetiu o ritual várias vezes e, ao final, concluiu solenemente: “Nunca vi ninguém em quem Xangô se manifestasse com tanta força, como em você. Quer ser iniciado, tornar-se filho dele?”. Ao que Pierucci, com respeito e bom-humor, respondeu: “Eu não...”. Weber diria a mesma coisa. Sócrates também.

Após nosso *slow food*, Maria Inês – minha esposa e sua colega de faculdade – e eu comentamos que Flávio estava mais magro, às vezes titubeava para encontrar a palavra exata, parecia frágil. Nossa apreensão se confirmou semanas depois. Adeuses, querido amigo.

Recebido:19/06/2012

Aprovado:21/06/2012